



## **A Formação de Professores na Produção de Vídeo Estudantil: Importância dos Cursos de Licenciatura se Abrirem para Novas Metodologias**

Josias Pereira  
Vânia Dal Pont  
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Prezado leitor, esse é um artigo, ensaio, experimental, com cara de relato de experiência. E por que não mudar os paradigmas que nos obrigam a escrever em um certo padrão e não nos permite criar? Sendo assim, contarei uma história para você.

Nas oficinas de produção de vídeo estudantil que realizo com professores de todo o Brasil, muitas vezes me deparo com uma pergunta:

*– Qual a vantagem de fazer vídeo com os alunos?*

E respondo esta questão, com outra pergunta:

*- Por que não fazer vídeo com os seus alunos?*

E percebo um olhar desconfiado do professor que responde não saber fazer vídeo com seus alunos. Educadamente, tento contribuir, informando que ele só não sabe fazer vídeo com os seus alunos, porque não teve em sua formação nenhuma disciplina que contribuísse com esta ação na sua prática docente. O professor confirma com leve sorriso no rosto, e eu retruco:

*- Imagine se na sua graduação tivesse uma disciplina que te ensinasse a fazer vídeo.*

O professor pergunta:

*- Qual o motivo das universidades e principalmente os cursos de licenciatura não debaterem e não ensinarem a usar a produção do vídeo no processo educacional?*

Nesta conversa percebo que não se pode de forma simples culpabilizar o professor por não saber fazer vídeo, pois se entende que essa ação vem antes do ser docente, pois sua raiz é encontrada na sua formação, ou seja, nos cursos de licenciatura. Debater videoaula é algo importante na nossa sociedade contemporânea e imagética, mas produzir vídeo como um processo pedagógico é algo novo, e que vem sendo gestado aos poucos dentro da academia.



Quando informo ao professor que fazer vídeo é uma ação democrática, eis que tenho a seguinte resposta:

*- Pera aí, professor Josias, a escola é um espaço democrático, sim. Na minha aula, debato e converso com os alunos. Esse papo de que professor não dá espaço para os alunos é balela.*

Então, reflito e reformulo o meu pensamento:

*- Concordo professor, sim, a escola é um espaço democrático e muitos professores possibilitam que o aluno fale o que ele pensa dentro de um espaço e dentro de um momento que o professor seleciona. Porém geralmente o trâmite do tempo da aula não permite que o professor dialogue muito, pois é preciso dar segmento aos conteúdos já que vivemos um momento em que o conteúdo é necessário.*

O professor concorda e continuamos o diálogo. O professor reclama da ditadura do conteúdo.

*- Verdade, mas é o conteúdo que vai possibilitar o aluno entrar numa universidade, ter um nível superior e assim galgar posições futuras de trabalho, posições intelectuais, debater a sociedade, e repensar o mundo e quem sabe refazer o mundo. E os pais deste aluno pensam justamente que quanto mais conteúdo melhor, mais o filho irá aprender.*

Chegamos então a um empasse:

*- Será que as escolas estão realmente se organizando para fazer um mundo diferente do sistema ou estamos cada vez mais repetindo ações anteriores sem pensar muito no que estamos fazendo?*

Para Piaget (1970, p. 53) “o principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram”. Refletindo sobre a afirmação de Piaget, questiono-me: o que estamos inovando dentro dos cursos de licenciatura? Estudamos gamificação? Metodologias Ativas? BNCC? Produção de vídeo estudantil? Robótica? Será que um aluno de licenciatura sai da graduação sabendo usar estas tecnologias? Será que nossos alunos estudam Neurociência ou ainda estão lendo os textos de Piaget e Vygotsky que foram lançados na década de 1970?

Recordo-me muito do mestre Freire (1989, p. 9), quando informa que “leitura do mundo precede a leitura da palavra”, podemos refazer essa frase informando que produzir vídeo precede a leitura da palavra, e ensina o aluno a ler ~~o mundo~~, o seu mundo de forma diferente através da imagem.



Defendo que é a produção de vídeo estudantil leva para dentro da sala de aula muitos conhecimentos fora do currículo formal<sup>11</sup>. E quando o aluno está imerso nesta ação, apresenta aos professores que a produção de vídeo estudantil é um grande “tema gerador”<sup>12</sup> tão defendido pelo mestre Freire:

Essa investigação implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que, conscientizadora também, proporcione ao mesmo tempo a apreensão dos ‘temas geradores’ e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos” (FREIRE, 1993, p. 87).

O tema gerador tem justamente o objetivo de fazer o professor repensar o que ele está ensinando, e para quem ele está ensinando, pois infelizmente unificamos o aprendizado à uma mesma ação para todos. Porém, será que todos aprendem da mesma forma? Uma das vantagens da produção de vídeo estudantil, é possibilitar que o aluno utilize um pouco do conhecimento adquirido nas vivências e experiências que acontecem no seu dia a dia, antes da escola e utilizá-las dentro do processo da produção de vídeo estudantil. Dependendo do tema escolhido pelo aluno o professor pode perceber como eles internalizaram os signos do mundo que os cerca até aquele momento.

Claro que temos também os conhecimentos técnicos, que o aluno adquire de forma simples, mexendo em equipamentos, como o celular, por exemplo. A produção de um vídeo envolve conhecimentos técnicos que são subdivididos em: editar, gravar, planos cinematográficos, diafragma, profundidade de campo, narrativa, linguagem e exportação do vídeo. Esse aprendizado é empírico do aluno, pois é apenas técnico e somente isso não pode ser considerado produção de vídeo estudantil. Porém, quando essa ação é realizada dentro do espaço escolar com mediação do professor, passa a ter uma intencionalidade pedagógica, pois o professor de forma direta ou indireta, passa a dialogar com a tecnologia do fazer vídeo junto com os conteúdos formais e não formais do processo educacional.

Uma das ações da produção de vídeo com alunos, é justamente possibilitar o aluno a pensar sobre a sua realidade, proporcionado um olhar para si mesmo, como fruto de um meio social e cultural, e quando o aluno repensa que é fruto desse meio, sofre todas as ações psicológicas e sociais que esse meio o impõe.

---

<sup>11</sup> Alguns chamam esses conhecimentos de currículo oculto.

<sup>12</sup> Tema gerador: é uma fundamentação dialógica de troca de saberes e investigações.



Tenho uma observação empírica sobre a produção de vídeo nas escolas. Reforço que, é a minha visão sobre esse tema, pois não há ainda pesquisas que aprofundem isso, porém na minha perspectiva e do meu ponto de vista como pesquisador, percebo que a produção de vídeo estudantil é feita de modo significativo nas periferias das cidades brasileiras. Acho significativo que esta ação tenha emergido das periferias da realidade brasileira, pois é justamente quem não tem voz no dia a dia que mais produz vídeo dentro de um contexto educacional.

Tenho consciência de que tudo isso que digo e penso, é um juízo de valor, porém, um juízo de valor que tem um peso de mais de 15 anos de experiência com oficinas e capacitação docente em produção de vídeo estudantil nas escolas públicas brasileiras.

O fato das escolas de periferia estarem fazendo vídeo e discutindo a sua realidade, demonstra que os alunos querem falar. Outro ponto que percebo de modo empírico e com base no artigo Pereira e Mattos (2017), é que esses alunos de periferia querem debater a sua realidade.

Vivemos um momento social em que o vídeo passa a ser companhia de muitos adolescentes e crianças no mundo todo. Sendo assim percebemos que os alunos sofrem influências externas de sites como o *YouTube*, *Tik Tok*, *Vimeo* e *Reels*, dentre outros.

Com essa diversidade de plataformas os alunos aprendem a fazer vídeo fora da escola. Esses alunos entram na universidade e levam o “fazer” vídeo para o espaço acadêmico e principalmente para a Pós-Graduação. Esses cursos começaram a receber alunos que desejam pesquisar o que é produção de vídeo estudantil e a sua relação com a educação.

Quem sabe assim, fugimos do que eu já escutei de alguns professores:

*- Produzir vídeo? Ele está aprendendo o quê? Esses alunos estão é brincando!*

Então, calmamente explico que:

*- O processo de fazer vídeo que deve ser pedagógico e não o vídeo final pronto, ou seja, o processo da produção do vídeo que é pedagógico e não o vídeo como produto.*

O vídeo é um signo sincrético e como tal apresenta várias ações de linguagem interpretações, pois sai do significado que o aluno tem do mundo, do significado que ele internalizou ao longo dos anos, vivendo na escola e sofrendo ações sociais, da casa, da religião e do mundo. Esse aluno agora não é mais somente aluno do seu bairro, ele pode



ser considerado um aluno do mundo, pois ele aprende sobre o mundo todo através das redes sociais.

Depois que apresento essas ações muitos professores me perguntam assim:

- *Mas qual a vantagem em fazer vídeo com os alunos, o que eles aprendem?*

Informo que temos várias teses e dissertações de professores da Educação Básica apontando as vantagens de ~~se fazer~~ produzir vídeo estudantil, e respondo:

- *Professor, no meu ponto de vista produzir vídeo na escola promove equidade, todos participam, aprendem brincando, inclusive os mais tímidos, no caso dos alunos pequenos ajuda a desenvolver a oralidade.*

- *Será professor? Até com os pequenos?*

- *Sim e tem mais. A vantagem é o desenvolvimento da criança por experiências de aprendizagens, oralidade, motricidade grossa e fina, coordenação motora, criatividade, além de se divertirem!*

- *E para os alunos maiores?*

- *Bem, chamamos de Metodologia PVE (Produção de Vídeo Estudantil), pois produzir vídeo incentiva o protagonismo dos alunos, ajuda a resolver alguns problemas pedagógicos, ajuda na criação coletiva do texto, criação do roteiro, afetividade, dentre outras ações.*

Negar o poder da imagem dentro do processo educacional é um dos equívocos que a academia, que valoriza a palavra escrita, tem realizado. Enquanto a academia se fecha para essas ações, vemos na prática jovens se alfabetizando pela internet, especificamente pelo canal do *YouTube*.

Estamos em um momento de mudanças sociais e acredito que está na hora dos cursos de licenciatura repensarem o que estão ensinando. Para que futuro estamos ensinando? Será que estamos ensinando para o futuro? Para uma educação 5.0?

A Metodologia PVE (Produção de Vídeo Estudantil) é uma ação que apresenta aos professores como realizar vídeo com os alunos de forma técnica, básica, poética, educacional, cultural e social. Não é só produzir um vídeo, mas ampliar ações de educação formal e não formal.

Não podemos negar o vídeo dentro da escola e nem a força pedagógica do audiovisual, **ver** vídeo e nem o do **fazer** vídeo, ainda mais no momento de pandemia que estamos vivenciando, onde muitos alunos estão se alfabetizando com vídeos didáticos



feito por professores ou vídeos escolhidos pelos mesmos e postados em suas aulas remotas.

A escola não pode ficar presa em seus muros, acreditando que somente ela tem o conhecimento, e que assim dará o diploma para a pessoa poder se laurear no futuro e ser capaz de ensinar essas próximas gerações.

Esse artigo/ relato é um pedido para os coordenadores de curso de graduação, principalmente os coordenadores de curso de Licenciatura:

*- Querida pedir que vocês repensem seus conteúdos! Não seria hora de conversar com os alunos da Educação Básica sobre como eles aprendem? Será que não seria interessante dialogar com os alunos e procurar entender como a produção de vídeo é uma realidade presente na vida deles?*

Acredito que uma disciplina que ensine a fazer vídeo de forma pedagógica pode contribuir com os cursos de licenciatura utilizando a Metodologia PVE, capacitando esses alunos, futuros professores a ensinarem de forma diferenciada as próximas gerações. Segundo Dewey, "Se ensinarmos hoje da mesma maneira como ensinamos ontem, roubamos às nossas crianças o amanhã." (1944, p.167). Por isso, é importante esse o debate sobre a produção de vídeo estudantil, que já existe em alguns programas de Pós-Graduação que vem pesquisando essa ação pedagógica.

E quem sabe um dia, esta ação pedagógica se torna uma disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura?

O Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil (LabPVE) apresenta 8 ações que contribuem com a formação de professores e alunos na produção de vídeo estudantil, e uma delas é realizar cursos gratuitos para professores da Educação Básica. Um exemplo destes cursos é o de Metodologia PVE, que foi realizado no início de 2021, e contou com 300 professores do estado do Rio Grande do Sul.

Neste curso realizamos um formulário, onde perguntamos aos cursistas se eles achavam que aprender a produzir vídeo de forma pedagógica, como foi ensinado no curso de Metodologia PVE, poderia ter contribuído com sua prática docente, caso eles tivessem tido esse conhecimento na graduação. Analisando o formulário de respostas, conclui-se que 100% dos cursistas responderam que sim, e dos depoimentos apresentamos os mais representativos para este texto.

*- Com certeza! Produção de vídeo é algo que as crianças amam. E a graduação precisa se atualizar, ensinar não apenas teoria.*



- *Sim teria ajudado muito. Estar melhor preparada/capacitada para trabalhar vídeo com os estudantes.*

- *Já teria mais de meio caminho andado para quando fosse utilizar em sala de aula com os meus alunos. Ter acesso a esse conhecimento por quem tem o domínio é muito eficiente para o graduando.*

- *Sim. Porque se presta como um dispositivo/metodologia de aprendizagem dinâmico e riquíssimo de possibilidade*

- *Teria ajudado muito, pois é uma forma diferenciada de ensinar os alunos e os próprios alunos são protagonistas do seu aprendizado. Com as tecnologias ativas os alunos aprendem com produções próprias diferente da "educação bancária".*

- *Sim, principalmente na licenciatura, porque o conhecimento e uso de novas tecnologias digitais como a gravação de vídeos se torna uma ferramenta de ensino/aprendizagem nos dias atuais.*

Percebe-se que estes professores e professoras estão se capacitando para aprender a produzir vídeo, mas afirmam que seria muito mais prático se aprendessem isso no curso de licenciatura.

Finalizo informando que tenho o maior respeito pelos cursos de licenciatura, pois acredito na sua importância para a formação de um cidadão pleno em nosso país. Talvez por isso escrevo esse relato de experiência, que traz a história de vida de uma pessoa que tem CID 10 R46. 3 (dislexia) e CID 10 - R48 (hiperativo) e que com a ajuda da tecnologia conseguiu avançar nos estudos, trabalhar e até concluir o seu pós-doutorado. Acredito que outras pessoas também podem ser beneficiadas, quando a escola não utiliza apenas o conhecimento da memória e passa a debater com os alunos outras formas de aprendizado. Debater, repensar, reformular, refletir...

Infelizmente não tenho muitas boas memórias da minha época de estudante da Educação Básica na relação com os professores. Em uma destas memórias uma professora disse que eu era diferente dos outros alunos, pois eu nunca parava, vivia andando pra lá e pra cá, e que se me jogasse no lixo, o lixeiro não iria aceitar, de tão chato que eu era.

Hoje tenho consciência que sou hiperativo e devo ter dado muito trabalho para as minhas professoras. Porém como um ser que sente, que chora, que ri, era duro ouvir algumas coisas deste tipo.

- *Para de falar! Você não para um minuto.*

- *Fica quieto! Porque você não fica como os seus amigos, em silêncio!*



- *Por que seus irmãos são bons alunos e você é assim?*
- *Josias, fica quieto um minuto!*
- *Josias silêncio! Se ouvir sua voz mais uma vez, vou te tirar da sala de aula.*
- *Se você ficar em pé mais uma vez, te tiro da sala.*

Não culpo as professoras, pois foram ensinadas daquela maneira. Porém podemos fazer diferente para o futuro, aproveitando as múltiplas inteligências dos alunos dentro do processo educacional, e é nesta ação que a produção de vídeo estudantil pode contribuir.

Os coordenadores de cursos de licenciatura poderiam convidar alunos e professores que realizaram vídeo e no diálogo com eles, procurar entender a importância desta ação para os alunos. Inovar no processo educacional, não é apenas citar, copiar ou repetir a fala de um teórico, mas dialogar com o principal agente do processo educacional: o aluno.

### **Referência**

- Dewey, J. **Democracy and Education**. New York: Macmillan Company, 1944
- Freire, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e terra, 1993.
- MATTOS, Daniela Pedra; CHAVANTE, Eduardo; PEREIRA, Josias **A Tecnologia Na Prática Pedagógica: Ações Docentes Que Se Distanciam**. Vi Congresso Brasileiro De Educação;. 2017
- Piaget. Jean. **Epistemologia Genética**, São Paulo: Martins Fontes. 1970